

## Turismo de massas

Odeio os lemingues.

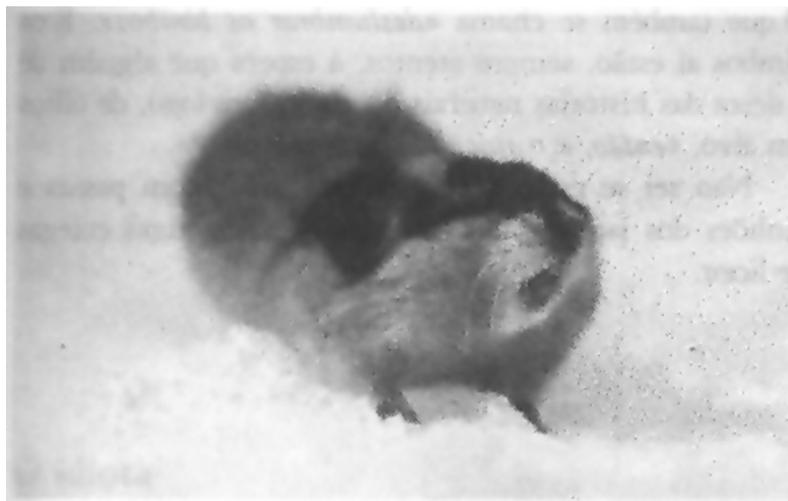
Não se trata de uma questão moral contra marchas suicidas: é pura e simplesmente uma questão de princípios. Ou de estética. Porque os insuportáveis roedores do Norte estão para a zoologia como Maria Bethânia está para o desejo, como as rapsódias «*hooked on classics*» com sintetizadores em compasso binário estão para as sinfonias, como Harold Robbins está para a literatura, meus Deus, como Nana Mouskouri está para a canção. São o lugar-comum das «*leis da Natureza*», o folclore com que o mundo vivo se mostra, não aos observadores, mas aos turistas.

Todas as ciências, como todas as realidades, têm as suas grandes questões, as suas controvérsias, os seus encantamentos e as suas traves-mestras de estruturação. Algumas, além disso, têm também a sua direcção-geral do turismo de massas. Os lemingues poderão não ter a culpa, mas provavelmente os músicos que são convidados para tocar para as excursões ao Parque Nacional da Peneda-Gerês também não têm. É assim. No início do

novo milénio, a sua jornada tresloucada para o afogamento colectivo nas ondas é a memória sobrevivente do espírito dos filmes italianos «*Mundo Cão*», uma espécie de jornal de espectáculos do «*implacável universo animal*» onde os cemitérios das baleias tomassem o lugar da «*gaja nua*» da contracapa. Alcançaram a fama pela facilidade do óbvio. São «*very typical*», mais ou menos como a baía de Cascais vista da varanda do Baluarte.

Como quase tudo, o suicídio periódico dos lemingues atravessa hoje uma grande crise. A explosão demográfica e industrial do Canadá e na Escandinávia, berços gelados das suas populações, já não permite a ocorrência cíclica das grandes explosões de nascimentos que vinham alterar dramaticamente o equilíbrio dos efectivos e assim desencadear a epopeia. Nesses tempos, se uma invulgar generosidade climática trouxesse consigo uma especial abundância de alimentos, as fêmeas passavam de repente a pôr no mundo ninhadas de vinte filhos em vez de quatro ou cinco como mandava a norma. Fenómenos deste tipo são frequentes em muitas outras populações animais, sobretudo entre roedores de pequeno porte. Mas, normalmente, acompanham-nos mecanismos de reposição das proporções bastante mais discretos. Basta que, com o aumento dos bichinhos, aumentem também os predadores — mais olhos de lince, mais bicos de falcão, e pronto. Os lemingues, no entanto, explodiam de tal maneira que a superpopulação só conhecia um impressionante grande remédio.

Punham-se a caminho do mar. Começavam por ser poucos, mas, insensivelmente, vinham mais e mais engrossar as hordas; até que era uma legião absurda de ratinhos que corria para as planícies. E galgavam tudo,



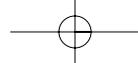
*Lemus lemus*

muros, casas, cursos de rios, cadáveres seus semelhantes espezinhadados, numa pressa, aos tropeções, até atingirem a costa. Aí, sem uma hesitação, deitavam-se à água. Alguns conseguiram atingir as ilhas mais próximas. Mas a maioria, milhões deles, morria afogada.

É compreensível que semelhante jornada tenha fascinado os naturalistas, e os sociólogos e os iluminados. O espectáculo foi descrito com todas as cores de muitas paletas, correu o mundo, tornou-se célebre, e nunca desiluiu os observadores até ser o próprio crescimento humano a limitar de forma drástica as populações de lemingues, tornando desnecessário o recurso a expedientes de superprodução. A dinâmica de populações prepara-se para perder um dos seus florões mais belos, que se durante anos serviu para equilibrar as cadeias alimentares, serviu também, e de que maneira, para «*épater le bourgeois*». O que também se chama «*deslumbrar os bim-*

***bos***». E os bimbos aí estão, sempre atentos, à espera que alguém dê a deixa das histórias naturais para atirarem logo, de olhos em alvo, «***então, e o suicídio dos lemingues?***»

Não sei se estão a ver. Aquele arroz com passas e pinhões dos jantares em casa das nossas antigas colegas de liceu.



## O idiota

O pássaro dodó é óptimo. Tem um óptimo forro duplo. De um lado, é o João Pateta. Do outro lado, é a visão de nuvens muito negras sobre o horizonte. E são os forros duplos como este que formam o substrato de qualquer fábula moral. Esta fábula moral, como envolve o drama terrível da extinção de espécies animais por intervenção directa do homem, ainda por cima leva o peso «*planeta azul, vamos amá-lo*» que coaduna as fábulas morais com o ar do tempo. É uma boa história. Não lhe falta nada.

Três séculos depois da sua extinção, o dodó transformou-se numa estrela de cartoons e desenhos animados. Aqui, finalmente, revelou-se um figurino de eleição: um pombo-peru com cara de parvo, o que é que a gente poderia querer de melhor para os nossos bonecos mais ou menos metafóricos? O mundo reconheceu por fim ao pássaro dodó uma utilidade póstuma, depois de o ter esnobado de tudo, gordo e estúpido e desastrado, alcunhado de «*doido*» pelos primeiros portugueses que no século XVI chegaram à ilha Maurícia, e daqui transliterado

